

# Metrópoles estão mais pobres que há 10 anos

• Mesmo com o recuo registrado nos últimos dois anos, o número de pessoas que vivem na pobreza e na miséria nos grandes centros do Brasil ainda é maior do que há 10 anos. Segundo estudo recém-concluído, enquanto no conjunto do país a parcela da população que vive na indigência baixou de 14,5%, em 1995, para 10,8%, em 2005, nas metrópoles ela cresceu de 7,2% para 7,9%. No caso da pobreza, subiu de 21,9% para 23,6%. **Página 35**

# Metrópoles mais pobres

Indigência nos grandes centros está maior que há dez anos, apesar de queda recente

Cássia Almeida e Bruno Rosa

**D**ois anos consecutivos de queda da pobreza e da indigência nos grandes centros não foram suficientes para deixar as metrópoles brasileiras melhores que há dez anos. Estudo do economista André Urani, diretor-executivo do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), constatou que, enquanto no Brasil como um todo a parcela da população que vive na indigência baixou de 14,5% em 1995 para 10,8% em 2005, no Brasil metropolitano ela cresceu de 7,2% para 7,9%. Nos indicadores de pobreza, a mesma situação. No Brasil, caiu de 33,8% para 29,1%. No mesmo período, nas metrópoles subiu de 21,9% para 23,6%.

— O modelo de desenvolvimento adotado nas grandes cidades brasileiras, baseado na substituição das exportações, esgotou-se. É preciso repensar as cidades, aceitar que há crise nas metrópoles. É como se as metrópoles fossem um freio para a redução da pobreza e da indigência — afirma Urani.

O economista e chefe da representação do BNDES em Brasília, Antonio Prado, acredita que o mercado de trabalho explica essa situação nas metrópoles.

— Na década de 90, o desemprego aumentou muito nas grandes cidades, com queda enorme de renda. Somente em 2005 houve recuperação, depois de retração contínua desde 1997 — diz Prado.

Ele cita ainda o avanço da informalidade, refletindo diretamente na qualidade da ocupação, como outro fator a intensificar a pobreza nessas regiões:

— Além disso, houve uma recuperação no Brasil não metropolitano, ancorado na agricultura.

Na avaliação do economista, o

quadro deve continuar melhorando nos próximos anos, diante da recuperação recente no mercado de trabalho, com a expansão do emprego com carteira assinada.

## Índices melhoraram nos últimos 2 anos

• Em 2004 e 2005, a pobreza e a indigência caíram também nas metrópoles. A parcela de indigentes nas grandes cidades era de 11,2% em 2003 e a de pobres, de 28,7%. Essas reduções já indicam uma tendência, na opinião do secretário de Avaliação e Gestão de Informações do Ministério de Desenvolvimento Social, Rômulo Paes. Para ele, a miséria ter caído menos nas cidades reflete a redistribuição das unidades produtivas para o interior dos estados e para o Nordeste. Um certo esvaziamento econômico associado à pulverização da rede de serviços públicos de saúde, educação e assistência social para o interior.

— Antes, procurava-se as cidades em busca dos serviços públicos e das oportunidades de trabalho. Agora, isso está mais espalhado. Além disso, as cidades pioraram, com a violência urbana e os problemas ambientais, intensificando a pobreza — diz Paes.

Para ele, a solução está em integrar mais os serviços públicos, de forma sistêmica, para acelerar a queda da pobreza nas grandes cidades:

— É um desafio fazer essa integração, mas os dados não indicam qualquer inversão na tendência de queda desses indicadores.

Na linha de miséria do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a situação é semelhante: em 1995, os miseráveis representavam 15,07% da população e, em 2005, a parcela subiu para 16,22%.



COM UMA barraca na Tijuca, Maria Edenéa de Souza luta para manter sua renda

— As metrópoles são voláteis e sofrem mais com as crises externas como as que assolaram o país na década de 90. Assim como sentem também primeiro os benefícios — diz o chefe do Centro, Marcelo Neri.

Essa oscilação alcançou Maria Edenéa de Souza, de 54 anos. Ela vende peças íntimas em uma feira na Tijuca, desde que perdeu o emprego, com

carteira assinada, há quatro anos.

— Só aqui na rua, eram seis barracas. Hoje, são mais de 20. Vendo calcinhas de segunda a sexta-feira e, mesmo assim, não consigo o suficiente para pagar minhas contas. Sou obrigada a fazer trabalhos extras. A situação está muito difícil. Moro longe e venho de ônibus. São muitas as despesas — lamenta Maria.

Urani diz que a desigualdade caiu, no Grande Rio e no Brasil metropolitano, pela perda dos mais ricos:

— Os pobres nada ganharam no Rio e perderam no Brasil. A queda da pobreza não é visível nas cidades. Por mais consciência que tenham as elites, fica difícil aceitar perdas constantes no rendimento diante da situação do Rio, por exemplo. ■

## *Governo fixará 20 linhas de pobreza*

● O governo federal anunciará até o fim do ano a linha de pobreza oficial do país. Segundo Rômulo Paes, secretário de Avaliação e Gestão de Informação do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), serão fixadas 20 linhas de pobreza oficiais. Os níveis serão determinados pelo desenho geográfico.

As dez maiores regiões metropolitanas terão suas linhas específicas. As grandes regiões (Sul, Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste e Norte) terão duas linhas: uma para identificar o patamar da pobreza nas regiões urbanas não metropolitanas e outra para a população rural.

— A fixação dessas linhas servirá para avaliar melhor as políticas públicas — diz Paes.

Também haverá linhas de indigência. Os estudos estão sendo feitos por Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), IBGE e MDS. (C.A.)

## OS NÚMEROS DO RIO DE JANEIRO

Em 2004 e 2005, a pobreza e a indigência também caíram no Rio metropolitano	INDIGÊNCIA		1995	2005
		Estado do Rio	6,9%	
	Rio metropolitano	6,1%		6,1%
	POBREZA		1995	2005
	Estado do Rio	22,9%		20,2%
	Rio metropolitano	20,7%		20,2%

## RENDA

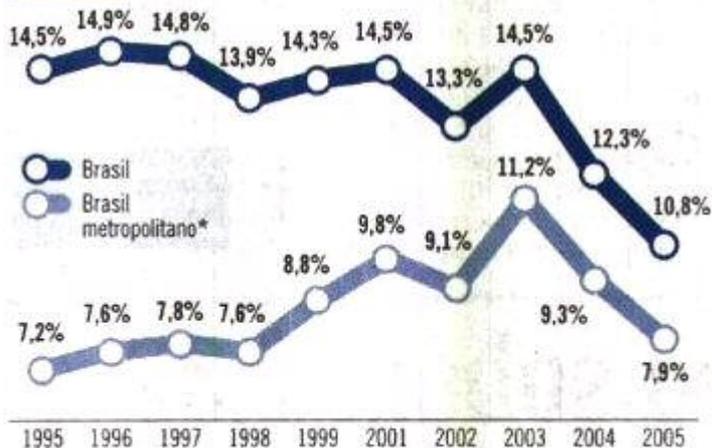
Estado do Rio	1995	2005	Variação
10% mais pobres	R\$ 67	R\$ 75	11,94%
10% mais ricos	R\$ 3.170	R\$ 3.182	0,38%
Renda média	R\$ 682	R\$ 680	-0,29%
Rio metropolitano	1995	2005	Variação
10% mais pobres	R\$ 78	R\$ 78	0
10% mais ricos	R\$ 3.503	R\$ 3.421	-2,34%
Renda média	R\$ 757	R\$ 744	-1,72%

# A evolução dos indicadores sociais

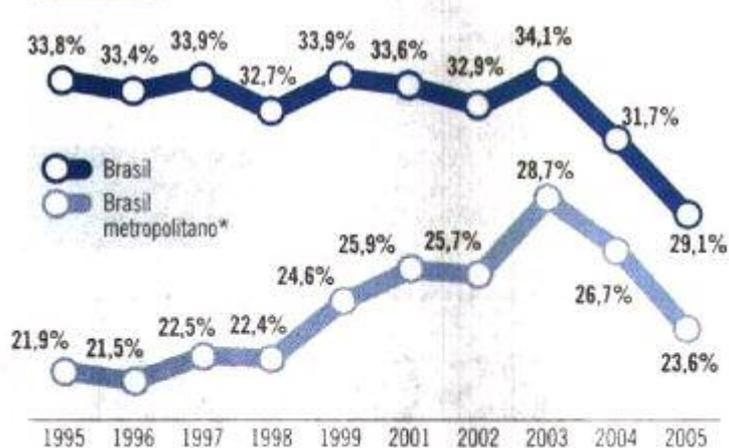
## COMPARAÇÃO ENTRE BRASIL E REGIÕES METROPOLITANAS



**Proporção de indigentes**  
(Quem tinha renda domiciliar per capita de R\$ 81 a R\$ 90 em setembro de 2005)



**Proporção de pobres**  
(Parcela da população que tem renda domiciliar per capita de R\$ 162 a R\$ 190)



\* Análise a evolução da indigência e pobreza nas regiões metropolitanas de Belém, Salvador, Fortaleza, Recife, Distrito Federal, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre  
Fonte: Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), usando os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE